



Juventudes nas ondas do rádio: A participação dos jovens nas produções da radiofônica Cuca (Barra do Ceará)¹

José Augustiano Xavier dos Santos²

Catarina Tereza Farias de Oliveira³

Resumo

O artigo analisa a participação das juventudes nas produções radiofônicas da rádio do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e esporte (Cuca) do bairro Barra do Ceará, em Fortaleza. O trabalho busca compreender como esses sujeitos - que transitam pelo equipamento e os que já participam da rádio - atuam nos processos que estão relacionados a rádio do Cuca. As reflexões são construídas por meio da análise dos programas produzidos para a rádio e da realização de entrevistas com os jovens participantes da produção radiofônica. Em termos teóricos trabalhamos com a categoria de participação, comunicação popular e juventudes para compreender como a rádio propõe a participação a seus produtores e ouvintes.

Palavras-chave: Juventudes, Participação, Comunicação Popular, Rádio.

1. Apresentação da problemática

Este artigo tem como principal objetivo analisar as produções radiofônicas desenvolvidas pelas juventudes participantes das atividades de comunicação, realizadas pela equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Centro Urbano de Cultura, Arte,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, consumo e cidadania: Políticas de reconhecimento, redes e movimentos sociais, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Bacharel em Comunicação Social (Faculdade 7 de Setembro – Fa7) e Mestrando em comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: augustianoxavier@gmail.com

³ Professora doutora adjunta de Sociologia da UECE e professora permanente do PPG em Comunicação da UFC. Catarinaoliveira30@gmail.com



Ciência e Esporte (Cuca)⁴, localizado no bairro Barra do Ceará⁵, na cidade de Fortaleza. O trabalho procura problematizar a atuação e o engajamento das juventudes participantes da rádio do Cuca, buscando compreender como ocorre esse processo de participação e o que norteia às produções radiofônicas veiculadas internamente nesse equipamento cultural. Para o desenvolvimento do artigo, optamos pela metodologia de análise de conteúdo, focalizando em uma de suas técnicas denominada análise temática. A análise temática compreende três etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação do conteúdo (GOMES, 2002). Nosso corpus será composto por três programas radiofônicos veiculados entre fevereiro a junho de 2015. A análise da programação se deu a partir da gravação os seguintes programas: Programa Mistura; Programa Prosa *Nerd*; Programa Cuca no Ar⁶. Realizamos entrevistas com três jovens participantes da equipe de comunicação.

2. Desnaturalizando o conceito de participação

Quando se fala em participação é quase natural pensarmos em uma questão inerente ao ser humano. Imagina-se que participar é uma “atitude” que todos podemos exercer e que faz parte da vida em sociedade. Mas não é bem assim. Segundo Peruzzo (2004), em países que essas questões não fazem parte da cultura da nação, onde os processos autoritários que marcam esses territórios, como é o caso do Brasil e dos países latino- americanos, essa realidade não colabora para que exista uma participação mais efetiva dos povos. Essa questão, de acordo com Peruzzo (2004), também pode estar relacionada com a falta de consciência política, que não permite que a participação

⁴ Uma política pública iniciada em 2009, o Cuca tem por objetivo proporcionar a vivência plena da condição juvenil, através da disposição de novos espaços e alternativas de desenvolvimento sociocultural e econômico. O equipamento atende às principais demandas dos jovens: cultura, qualificação profissional, esporte, pesquisa, leitura, cinema, produção e formação audiovisual entre outras. Informações obtidas no site: <http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/juventude/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=53>. Acesso em: 07 abr. 2014.

⁵ A Barra do Ceará é o mais antigo bairro da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. A população da Barra, pelo censo de 2000, era de 69.317 habitantes, sendo o segundo bairro mais populoso da capital cearense, e faz parte da Secretaria Regional, localizada no extremo Oeste da cidade.

⁶ Foram analisadas três edições de cada programa - de fevereiro a junho de 2015



seja algo sólido e presente. Mesmo com esse contexto, marcado por uma cultura do silêncio, para a autora há uma alteração na forma como a participação é percebida e materializada nos últimos anos. Para ela, passados anos excluídos dos processos de participação, sobretudo em espaços de decisão, chegamos, a partir dos anos 80, a presenciar um número considerável de espaços de participação nos processos de mobilização vivenciados pelos movimentos sociais populares. Diante deste cenário, torna-se relevante delinear o que efetivamente se compreende por participação.

Para Demo (1999), é fundamental a compreensão sobre o conceito de participação. O autor defende que é preciso compreendê-lo de forma mais ampla, eliminando os conceitos rasos, que muitas vezes estão presentes nessa conceituação.

Dizemos que participação é conquista para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo: infundável, em constante vir a ser, sempre se fazendo. Assim, participação é em essência autoprodução e existe enquanto processual. Não existe participação suficiente, nem acabada. Participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir. (DEMO, 1999, p. 18).

Demo (1999) ainda reforça que, diante da definição posta, torna-se fundamental a compreensão de que a participação não pode ser entendida como uma dádiva, como uma concessão, como algo já preexistente. Nesse sentido o autor destaca:

Não pode ser entendida como dádiva, porque não seria produto de conquista, nem realizaria o fenômeno fundamental da autopromoção; seria de todos os modos uma participação tutelada e vigente na medida das boas graças do doador, que delimita o espaço permitido. Não pode ser entendida como concessão porque não é fenômeno residual ou secundário da política social, mas um dos seus eixos fundamentais; seria apenas um expediente para obnubilar o caráter de conquista, ou de esconder, no lado dos dominantes, a necessidade de ceder. Não pode ser entendida como algo preexistente, porque o espaço de participação não cai do céu por descuido, nem é o passo primeiro. (DEMO, 1999, p. 18).

Peruzzo (2004) nos lembra do direito à participação, assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos destaca nos artigos 27 e 29, que todos os homens têm direito de participar livremente da vida da comunidade e que, por outro lado têm deveres para com esta mesma comunidade, na qual



possui o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade. (PERUZZO, 2004, p. 275).

A autora também faz um alerta de que a falta ou a ausência da participação pode acarretar em processos de dominação na sociedade. Segundo ela, a dominação não é meramente uma questão determinada ou isolada da participação. A ausência de processos participativos tem certa convivência, com uma cultura de dominação. A partir dessas reflexões tanto em Demo (1999) quanto em Peruzzo (2004), percebemos que é importante discutir se o Cuca vem provocando processos de participação e de que forma está contribuindo para amenizar essa cultura do silêncio e/ou de dominação.

3. As juventudes e a política dos Cucas

Quando pensamos em conceituar a categoria “juventude”, imaginamos um conceito marcado, sobretudo, por fortes tensões. De fato, essas tensões existem e podem ser decorrentes de uma infinidade de definições e sentidos que foram surgindo e sendo relacionados ao tema ao longo do tempo. A UNESCO (2004) fixou em suas ações que juventude seria a etapa da vida dos sujeitos que vai dos 15 aos 29 anos, destacando que são indivíduos com caracteriza muito próprias e passageiras, em decorrência do que chamou de transitoriedade. Para a Secretaria Nacional de juventude (SNJ)⁷, o Brasil possui cerca de 50 milhões de jovens, com idade entre 15 e 29 anos. Esse expressivo dado representa pouco mais de 25% da população do nosso país. Segundo Juarez Tarcísio e Nilma Lino (2005), a discussão sobre a questão da idade surge em várias sociedades do mundo, como um elemento fundamental para a vida social, com inúmeras classificações e interpretações. Mas, é preciso destacar a dificuldade encontrada ao longo dos anos, em se conceituar ou encontrar definições que apresentem veracidade com os fatos que se deseja trabalhar.

⁷Dados do Censo Demográfico IBGE 2010, presentes na Cartilha de Políticas Públicas de Juventude, da Secretaria Nacional de juventude, ano 2013.



Para José Machado Pais (1990), existe uma compreensão de que crianças, idosos e jovens são grupos de difícil definição, com extremos complexos e que estão muitas vezes relacionados com rituais de passagem, que se diferenciam por meios de localização geográfica, situação econômica, social e cultural. E é partindo esse ponto de vista que José Machado Pais (1990) destaca que na sociologia, é possível encontrar diversas correntes que buscam compreender essa importante fase da vida.

De acordo com Helena Abramo (1997), a sociologia funcionalista estabelece a juventude como uma fase transitória.

A concepção de juventude corrente na sociologia é genericamente difundida como noção social. É profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que - corresponde a um momento específico e dramático de socialização. (ABRAMO, 1997, p.29).

Para além das questões pontuadas por Helena Abramo (1997), Bourdieu (1983), onde destacam que muito mais que características físicas e biológicas, quando se fala em juventude e seus aspectos mais comuns, fala-se de algo que foi construído ao longo do tempo, a partir de questões sociais, com base em elementos relacionados com as condições sociais, de cor, de raça, de gênero, etc. Essas categorias colaboram para determinar limites e estabelecer uma dinâmica que se deve seguir. Segundo Margulis e Urresti (1996), a juventude é muito mais que uma simples palavra. Para eles, não é oportuno tratar a juventude, observando a idade e aspectos tão gerais e semelhantes. Segundo os autores, é preciso ir além dessas questões, é fundamental considerar os fatos históricos, sociais e culturais.

A questão é complicada quando "juventude" refere-se apenas a um estado, status social ou estágio vida. Em algumas literaturas sociológicas, está superada a consideração de "juventude" como simplesmente uma categorização idade. Por conseguinte, é incorporada a análise de diferenciação social e em certa medida, da cultura (MARGULIS E URRESTI, 1996).

O Estatuto da Juventude, instituído pela lei N° 12.852, em cinco de agosto de 2013, apresenta um conceito mais jurídico sobre essa questão. No primeiro parágrafo



estabelece o que compreende por jovens e para não haver dúvidas expõe o entendimento sobre adolescente no segundo parágrafo.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. § 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente](#), e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente. (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013).

Como observamos, podemos verificar dois pontos fundamentais na compreensão da categoria juventude: uma visão mais geral sobre essa questão, que irá focar nas mudanças e transformações pelas quais o sujeito passa, em determinada etapa da vida. E outra, que irá trazer um olhar menos homogêneo, voltando-se para as questões mais específicas e simbólicas. A partir das reflexões que associamos aqui a um pensamento mais simbólico e cultural de Bourdieu (1983) e de Margulis e Urresti (1996), acreditamos que é preciso entender que as características, hábitos e costumes serão tratados de maneiras diferenciadas pelas sociedades e grupos sociais. Eles terão formas diferentes de conduzir às mudanças e transformações inerentes à juventude. Classe social, etnias, identidade religiosa, gênero, localização geográfica, serão alguns aspectos que encontraremos para essa definição. Sendo assim, compartilhamos com as análises mais simbólicas e afirmamos que não podemos estabelecer e enquadrar a juventude em aspectos e critérios tão fechados e limitados, como uma fase com um período determinado para começar e para finalizar, muito menos, compreendê-la como uma etapa na qual se deve preparar os jovens para a fase adulta.

Segundo Esteves (2008), o próprio contexto social mostra que não há simplesmente uma só juventude, mas a existência de grupos juvenis, com características diferentes, irregulares, desiguais e distintas. Autores como Esteves (2008) e Abramo (1997) nos chamam atenção para pluralizarmos o termo como Juventudes.



Em Fortaleza, segundo informações do governo municipal⁸, as juventudes representam quase um terço da população da cidade, com aproximadamente 730 mil jovens, na faixa etária de 15 e 29 anos. Compreendendo esse expressivo número de jovens e a importância de garantir uma maior atenção a estes sujeitos, por meio de uma política de juventude, em 2007 a Prefeitura de Fortaleza, criou a Coordenadoria Especial de Políticas de Juventude, com o objetivo de ser motivadora e responsável por conduzir, coordenar e elaborar políticas destinadas para as juventudes, a fim de assegurar os direitos e o exercício de sua cidadania.

Em consonância com o conceito de juventudes estabelecido pelo Governo Federal, para o desenvolvimento de políticas específicas para essa parcela da população brasileira, Fortaleza inicia em 2007 uma série de ações para esses sujeitos. Dentre essas ações, encontrava-se a construção e o pleno funcionamento de 06 (seis) Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), nas Regionais Administrativas da Prefeitura⁹. Desse modo, esses equipamentos públicos surgem com a proposta de oferecer diferentes atividades para as juventudes de Fortaleza nas mais diferentes atividades artísticas, culturais e ligadas ao esporte, prioritariamente voltado para jovens, com idade entre 15 a 29 anos. Para além dessas atividades, o equipamento também oferece diversos espaços de encontro e convivência, que possibilitam a sociabilidade e a participação dos jovens. Em 10 de setembro de 2009, foi inaugurado o primeiro Cuca Che Guevara. Solicitado pela população jovem da cidade nas assembleias do Orçamento Participativo (OP) em 2006. O equipamento está situado na Barra do Ceará, onde funcionava o Clube de Regata. Como já mencionado, a proposta inicial era a construção de seis equipamentos padronizados e espalhados pela cidade, nas seis Regionais Administrativas da Prefeitura. Atualmente, encontra-se em pleno

⁸Informações obtidas em:< <http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/juventude/>>. Acesso em 09 mar. 2014.

⁹ Secretarias Regionais são termos que se referem a subprefeituras localizadas na cidade de Fortaleza. São sete Secretarias Regionais dentro da capital cearense (Regionais I, II, III, IV, V, VI e Centro), cada uma subdivida em várias APs (Áreas Particulares), onde trabalham superintendentes, líderes comunitários, secretários e outros, com a função de trazer desenvolvimento para os bairros próximos a cada uma destas áreas.



funcionamento os Cucas da Barra do Ceará, Mondubim e Jangurussu. Na estrutura dos Cucas é possível encontrar piscina semiolímpica, pista de skate, anfiteatro, ginásio poliesportivo, salas de multimídias, artes plásticas, laboratório de fotografia, espaço para exposições artísticas, além de um cinema, e teatro. Dentre as diversas atividades e espaços presentes na estrutura dos Cucas, há uma equipe que desenvolve atividades voltadas para a promoção da comunicação popular. Antes de apresentarmos a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca, é oportuno trazermos algumas reflexões sobre a categoria de comunicação popular, presentes nos trabalhos da radio do Cuca.

4. A comunicação alternativa no Cuca

A discussão sobre a comunicação popular não é algo recente, foi nos anos setenta e oitenta que começou a se falar de forma mais intensa sobre essa temática. Antes disso, havia poucos documentos que trabalhava com essa questão da comunicação alternativa e popular (Peruzzo, 2004). Para nos ajudar na compreensão sobre o estudo da comunicação popular, Peruzzo (2004) traz as ideias de Chista Berger, onde diz que os estudos de comunicação estabeleceram um novo contexto na problemática da comunicação. Segundo ela durante muito tempo, a comunicação só estava relacionada com meios, canais, mensagens. Mas com o tempo, falar em comunicação popular estava relacionado a falar sobre cultura, de relação etc. Peruzzo (2004) também faz uso das ideias de Joana Puntel (1994) que diz, mencionando R.White, que a comunicação popular, de início, não pode ser considerada um tipo de mídia qualquer, não pode se comparar com as mídias “convencionais”, muito menos com instituições religiosas. Ela vem de um movimento mais profundo e é resultado de um processo, em que os sujeitos estão inseridos nas discussões e mobilizações. A comunicação popular não se constrói para o povo, mas com ele. (Peruzzo, 2004)

Segundo Motta (1987) se convencionou chamar de comunicação popular, uma comunicação realizada pelo povo e para o povo. Ela se caracteriza por um interesse social de classe, que se apresenta a partir dos conflitos que surgem em decorrência das desigualdades sociais. A comunicação popular também pode ser compreendida como



canal para luta contra dominação política, cultural e econômica. Para Peruzzo (2004), quando falamos em comunicação popular, precisamos compreender que estamos nos referindo a diversas conotações. Aqui focaremos na terceira corrente, descrita por Peruzzo (2004) que situa o popular nos movimentos sociais. Com a colaboração das ideias de Canclini (2005), a autora diz que o popular-alternativo trata-se de uma nova maneira de pensar o popular, relacionando com a comunicação e cultura. É a comunicação presente nos movimentos e organizações sociais, uma comunicação ligada às lutas sociais do povo (Peruzzo, 2004). Peruzzo (2004) ressalta que alguns autores têm optado por se referir a comunicação popular por alternativa, comunitária, participativa, dialógica etc. A autora, então, compreende comunicação popular do seguinte modo:

A comunicação popular refere-se ao modo de expressão das classes populares de acordo com a sua capacidade de atuar sobre o contexto social da qual ela se reproduz. Ela está ligada à luta do povo e tende a converter-se em um processo dialético entre teoria e prática. Ela não tem um fim em si mesmo, mas relaciona-se com um pleito mais amplo. É meio de conscientização, mobilização, educação política, informação e manifestação cultural do povo. É um canal por excelência de expressão das denúncias e reivindicações dos setores organizados da população oprimida. Deve estar vinculada à luta pela conscientização [e integrada] num processo de luta com a perspectiva de [uma] nova sociedade (PERUZZO, 2004, p. 125).

De acordo com Fonseca (2011) no que se refere ao conteúdo da comunicação popular, sobretudo produzido no século XX pelos movimentos sociais, versavam sobre a luta pelo direito de participação nas decisões políticas da sociedade, bem como de questões relacionadas às melhorias na vida das populações historicamente excluídas. Para além dessas questões, os meios de comunicação também tinham uma função educacional, atuando nos processos pedagógicos, ressaltando de forma mais intensa a relação educação e comunicação. Motta (1987) diz que é importante destacar que muitos autores compreendem a efemeridade como uma das principais características da comunicação popular, uma vez que essa forma de comunicação pauta-se para resolver questões do cotidiano e das problemáticas que são enfrentadas pelos grupos sociais. Segundo Motta (1987) quando resolvidas as questões materiais do cotidiano, as práticas



de comunicação popular não encontram sentidos para seguir a produção de comunicativa. Entretanto, acreditamos que o autor faz essa afirmação ainda em 1987, com base naquele contexto mais inicial da comunicação popular dentro das experiências dos Movimentos Sociais Urbanos. Embora Motta (1987) tenha razão em parte, atualmente as práticas comunicativas populares já envolvem temáticas de gênero, raça, ligada aos direitos humanos, das culturas juvenis como o hip hop e cultura Nerd, dentre outros temas, como veremos na rádio do Cuca.

5. A Equipe de Comunicação Popular e Cidadania (ECPC) e a rádio do Cuca

Fazendo parte da estrutura do Cuca, a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania (ECPC) surge como um dos pilares da política do Cuca em 2009. Com a proposta de promover a participação o envolvimento das juventudes nos mais diferentes processos de construção de ferramentas de comunicação popular, e de um canal efetivo de diálogo entre o Cuca e as juventudes. A proposta ressalta também que os jovens não sejam apenas receptores de informações, mas também agentes geradoras, produtoras destas informações. A ECPC surge em decorrência da militância pela democratização da comunicação na cidade de Fortaleza vivenciada desde os anos oitenta a partir das pioneiras práticas de radiadoras comunitárias (Oliveira 1993, 2007). Nesse contexto, a ECPC é influenciada a ter no Cuca radiadoras e outras práticas de comunicação, demonstrando uma certa relação com a trajetória histórica da comunicação popular da cidade. Na ECPC são assegurados diversos espaços para que jovens da cidade de Fortaleza possam desenvolver seus programas, demonstrem seus talentos, possam ter a liberdade de escolher, por exemplo, o repertório das músicas que a rádio veicula. A ECTC¹⁰ tem como meta o desenvolvimento de diversas oficinas que proporcionem e colaborem para a iniciação e a prática de produção de comunicação alternativa e popular, seja por meio de fanzines, blogs e rádio comunitária, dentre outra. Também é

¹⁰ Informações obtidas em: Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/redeCuca/comunicacao-popular>>. Acesso em 30 abr. 2014



papel da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania, o aperfeiçoamento de jovens comunicadores populares da cidade. A equipe também coordena e é responsável pelo funcionamento da rádio do Cuca, uma importante ferramenta de comunicação que permite a construção de conteúdos e peças de áudio, tendo os jovens como o principal sujeito envolvido nos processos que possibilita o funcionamento da rádio, seja na formação, no planejamento, criação, produção e veiculação interna dessas produções. A rádio do Cuca conta com um estúdio de gravação e edição, e as produções radiofônicas são transmitidas através de caixas de som espalhadas pelos espaços do Cuca.

Segundo Hozana Arruda¹¹, jornalista e técnica de rádio do Cuca - Barra do Ceará, fisicamente a rádio existe desde o surgimento do Cuca, em 2009, mas funcionando efetivamente está desde 2012. Antes, não havia um técnico de rádio para auxiliar nas produções radiofônicas. Um dos primeiros programas produzidos pelas juventudes na rádio do Cuca – Barra do Ceará foi o programa "Natividade", uma produção voltada para entrevistas e bate-papo com os mais diferentes artistas juvenis. Gravado quinzenalmente, o programa também abria espaço para dicas de saúde e esporte. Outro produto radiofônico que teve forte participação dos jovens foi o "Deu a Louca na Barra", programa era produzido pelos jovens que participavam das atividades do Cuca Barra. Esta produção trazia uma característica mais humorística e era transmitido ao vivo. O programa buscava também trabalhar temas ligados ao universo das juventudes e era produzido mensalmente. De 2012 para cá, além dos programas descritos acima, muitas produções foram desenvolvidos pelos jovens na rádio: spots, programas de rádio, reportagens e enquetes, foram apenas algumas dessas produções.

Atualmente a rádio está com quatro programas fixos em sua grade – O programa **"Mistura"**, antes chamado de Conexão DJ, o programa tem a finalidade de discutir diversos temas por meio de entrevistas e debates; o programa **"Identidade Secreta"** com a proposta de entrevistar os colaboradores da Rede Cuca; o programa

¹¹ Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2015 na radioescola do Cuca – Barra do Ceará.



“**Cuca no Ar**”¹² - que tem a finalidade apresentar as principais atividades dos Cucas; e o programa **Prosa Nerd** - voltado para a Cultura Nerd (cinema, séries, RPG, jogos eletrônicos, redes sociais e Literatura). De forma geral, quando os programas citados não estão sendo transmitidos, os jovens também podem fazer pedidos de músicas que, dependendo da letra da música solicitada, poderá ou não atendida.

Com base nas entrevistas realizadas foi possível verificar que todos os jovens entrevistados consideram que há um estímulo para a participação deles nas produções radiofônicas e que essa participação ocorre em todos os processos. Um dos jovens entrevistados ressaltou essa possibilidade de participar dos processos da rádio. “Acho que o mais legal é a possibilidade de você ter sua opinião ouvida e não ter apenas algo colocado para ser feito. É uma troca, existe um dialogo. Infelizmente essa participação algumas vezes esbarra na burocracia de um equipamento público, porém já ouve uma grande evolução a respeito disso”¹³. Percebemos que o jovem não apenas faz elogios ao processo participativo, mas menciona conflitos enfrentados na construção dessa participação.

Sobre o incentivo à participação dos jovens por parte dos supervisores e educadores, dois dos entrevistados enfatizaram que há ações que visam a promoção da participação dos jovens nas atividades da rádio “Existe oficinas com os jovens da comunidade para que eles não fiquem só pedindo músicas na rádio, mas que participem mais. Não de conquistar, mas de alcançar esses jovens para participar”.¹⁴ Com relação ao envolvimento dos jovens nos processos de produção dos programas da rádio, os três responderam que há um grande envolvimento em todos os processos. “Os jovens participam de todos os processos desde a escolha de pautas e temas de programas até a parte de produção e finalização”¹⁵.

¹² Produzido por todos os Cucas e veiculado pela Rádio Terra do Sol, a rádio institucional da Prefeitura de Fortaleza.

¹³ Entrevistado 2. Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2015

¹⁴ Entrevistado 1. Entrevista realizada no dia 11 de junho de 2015

¹⁵ Entrevistado 3. Entrevista realizada no dia 11 de junho de 2015



Com base na análise dos programas radiofônicos da radioescola Cuca – Barra do Ceará, foi possível verificar como o conceito de participação vem sendo trabalhado nessas produções. Percebemos que a ideia de participação sempre esteve presente nos programas analisados, mas que há uma maior ênfase, para a participação nas atividades do Cuca. Não há, portanto, nos programas analisados, um chamado mais permanente e explícito para a participação das juventudes nas produções radiofônicas. Das três edições dos programas analisados – Mistura, Cuca no ar e Prosa Nerd – é notório que a maior parte deles fazem um apelo ou incentivam os ouvintes jovens para a participação nas atividades do Cuca. No programa Cuca no Ar, por exemplo, esse apelo para a participação nas atividades da Rede Cuca é mais intenso, uma vez que a proposta é fazer pequenos programas com duração de cinco minutos sobre as atividades do equipamento para serem veiculadas na Rádio Terra do Sol¹⁶

Agora na rádio Terra do Sol, programa Cuca no Ar, uma produção a Rede Cuca. E aí, Galera! Se liga, que o nosso programa tá recheado de informações. Vamos falar um pouco do evento que pretende bombar essa semana, o Cuca Aces. Aqui você também vai ficar sabendo do novo horário de funcionamento da Rede Cuca e as principais atividades que está rolando dos Cucas. E aí, vamos ficar por dentro? (...) (trecho do programa Cuca no AR, 05 de junho de 2015).

Mas, em programas como prosa Nerd e Mistura, a categoria participação surge para estimular os jovens ouvintes para colaborarem com o programa enviando sugestões de temas/assuntos para os programas posteriores. No entanto, no programa Mistura há um convite mais explícito para que os ouvintes possam interagir e participar de forma mais direta na programação da rádio. Esse convite pode ser notado no programa que teve como tema o hip hop:

Pois bem, a gente vai para um rápido intervalo, mas antes queria dizer para quem estiver ouvindo a gente aí fora, e quer quem quiser pode chegar aqui, participar do nosso bate papo, trazer sua pergunta, fazer seu comentário, até

¹⁶ Rádio Terra do Sol é a rádio institucional da Prefeitura de Fortaleza. Veiculada nos terminais de ônibus da capital cearense e no site institucional da gestão Municipal, a rádio Terra do Sol tem a proposta de divulgar as principais ações da Prefeitura da Capital.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

sentar aqui com a gente pra conversar com a gente. Voltamos daqui a pouco. Não sai daí, galera! (trecho do programa “Mistura”, 10 de Maio de 2015).

Outro elemento importante na análise dos programas radiofônicos está relacionado à participação dos jovens. Foi possível verificar que em todas as peças analisadas, os jovens então presentes de forma, sejam na apresentação dos programas, nas reportagens, enquetes, entre outros. Um fato que chamou atenção é que mesmo havendo uma forte interação com os jovens que estão no equipamento, participando de enquetes e entrevistas para reportagens, não foi notado em nenhum dos programas um convite para que os esses ouvintes também pudessem ser protagonistas dos programas.

6. Considerações finais

Com base nas reflexões, percebemos que na maior parte dos programas – “Mistura”, “Prosa Nerd”, “Cuca no Ar” – a categoria participação surge como saída para estimular os jovens a participarem das atividades da Rede Cuca, mas não para participarem dos processos de produção da rádio. Também é importante ressaltar que, mesmo de forma ainda que tímida, dois dos três programas analisados destacam a participação dos jovens, mas esta só se concretiza por meio do famoso “envio de sugestões e/ou críticas para os programas”. No entanto, deve-se destacar que há tentativas de se apropriar da ferramenta radiofônica para ampliar a participação na rádio. O programa mistura cumpre bem essa tarefa, quando abre espaço e permite que os jovens ouvintes façam perguntas para os entrevistados que estão participando do programa.

Se por um lado, as análises dos programas não mostraram a utilização da ferramenta radiofônica como meio de ampliar a participação dos jovens nas produções da rádio, as entrevistas realizadas com os jovens participantes dos programas da radio Cuca Barra, mostram que a ECPC têm feito uma série de atividades voltadas para fomentar a participação dos jovens nos processos que fazem parte da produção radiofônica. Não podemos afirmar que a categoria participação é bem explorada, por parte dos programas radiofônicos da radio do Cuca Barra, uma vez que foi diagnosticada a ausência de discursos que colaborassem para uma maior participação



dos jovens nas produções da rádio. Os jovens comunicadores da rádio atuam nos processos de elaboração de pauta, construção de roteiros, produção, gravação e edição dos programas analisados, mas não temos ainda pesquisa de campo suficiente para afirmar sobre os controles sobre esse processo produtivo. De forma geral, há uma tentativa, para ampliar a participação dos jovens comunicadores da rádio do Cuca, mas falta esse incentivo mais explícito dirigida aos ouvintes para que estes se envolvam mais qualitativamente na produção dos programas . Desse modo, essa experiência da rádio nos oferece elementos para refletir a proposta do Cuca enquanto parte de políticas públicas para as juventudes e seus processos participativos.

Referencias bibliográficas

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação. n. 5 e 6, p. 25-36, mai. dez. 1997.
- BOURDIEU, Pierre A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de sociologia. São Paulo: Marco Zero, 1983.
- COCO, Denise Maria. No ar...: uma rádio comunitária. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DEMO, Pedro. Participação é conquista: noções de política social participativa. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. Educação para Todos, 16 p. 73-92
- ESTEVEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M; ANDRADE. E. R.; ESTEVES. L. C. G. (Orgs.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade Brasília, DF: Ministério da educação, Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 19- 54.
- FONSECA, Andre. Azevedo. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania, 2011.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos, 1996.
- MOTTA, Luiz. Gonzaga. Brasil: Alternativa e popular: comunicação popular; comunicação e movimentos sociais. In: GRINBERG, Maximo Simpson (Org.). A comunicação alternativa na América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- OLIVEIRA, C. T. F.. Escuta Sonora - recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias. Rio de janeiro: E-papers, 2007.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2004.

